



OS ESTUDOS FREUDIANOS SOBRE A TRANSFERÊNCIA PODEM CONTRIBUIR PARA UMA REFLEXÃO POLÍTICA ACERCA DA MEMÓRIA A PARTIR DA FILOSOFIA RICOEURIANA?

Can the Freudian work contribute to a political reflection about memory from the Ricoeurian philosophy?

Milena Maria de S. Albuquerque*

RESUMO

O presente ensaio tem como interesse aproximar psicanálise e filosofia, respectivamente a partir de Freud (1856-1939) e Ricoeur (1913-2005). Tendo o segundo se dedicado de modo profundo a pensar a obra freudiana, o objetivo é trazer à tona questões sobre a transferência, fenômeno essencial para a clínica psicanalítica, reconhecida por Ricoeur como uma das ideias dominantes em Freud. O intuito é abrir possíveis trajetos para a reflexão, sob mediação da filosofia hermenêutica ricoeuriana, a partir da formulação e da compreensão do conceito de transferência em psicanálise, a fim de pensar como o mesmo poderia contribuir para os estudos filosóficos e políticos sobre memória, enquanto importante categoria para pensar e agir no espaço público.

Palavras-chave: filosofia política; memória; psicanálise; transferência.

ABSTRACT

This essay aims to bring closer psychoanalysis and philosophy from the perspective of Freud and Ricoeur, respectively. Since Ricoeur had been deeply dedicated to study Freudian work, the aim is to bring up questions about transference, an essential phenomenon in the psychoanalytic clinic, recognized by Ricoeur as one of the main ideas for Freud. The purpose is to open possible paths to think, according to the Ricoeurian hermeneutic philosophy, from the formulation and comprehension of the concept of transference in psychoanalysis, how this could bring contributions to philosophical and political studies about memory, as an important category to think and act in the public space.

Keywords: political philosophy; memory; psychoanalysis; transference.

* Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Saúde Mental pela Universidade de Quixeramobim (UNIQ). Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Contato: milena_alb@ufpi.edu.br

Instigada a pensar sobre a temática da memória, tomada enquanto fio condutor das discussões apresentadas à disciplina de Filosofia Política, dentro do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Piauí, inquietou-me a proximidade (de início desprezível, depois insistente) entre algumas questões levantadas sobre as *políticas de memória* e as *políticas de esquecimento* em espaço público, bem como vieses em que as mesmas poderiam ser observadas em contextos singulares, como em casos da escuta clínica. Tais reflexões me conduziram à teorização freudiana sobre o fenômeno da transferência, conforme trarei a seguir, com a proposta de aproximá-lo a algumas considerações de Paul Ricoeur, para em seguida pensar possíveis contribuições que os autores poderiam nos colocar para pensar amplamente a questão política da memória.

Grande leitor de Freud, Ricoeur atravessa todo seu extenso e diverso trabalho partindo da questão da vontade, como mostra em sua primeira grande obra, *Filosofia da Vontade* (1950-1960). Relacionando pretensamente a vontade, em sentido ricoeuriano, ao desejo psicanalítico, considero inicialmente que o que motivou esta empreitada, de tentar abordar o conceito de transferência filosoficamente, foi o acesso à última entrevista concedida por Ricoeur (2002) a Vladimir Safatle, no lançamento de *A memória, a história, o esquecimento* (2007). Nela, o filósofo aponta que a transferência é uma das duas ideias dominantes em Freud, apesar de aparentemente pouco ter adentrado neste conceito, sobretudo em comparação a outros, ao enveredar pela psicanálise. Por exemplo, em sua mais importante obra sobre Freud, chamada *Da Interpretação: ensaio sobre Freud* (1965/1977), onde o termo aparece algumas vezes, sem, entretanto, ser abordado de forma mais profunda.

Conforme as discussões apresentadas em *A memória, a história, o esquecimento*, que partem da chamada “problemática egológica” ou “escola do olhar interior”, como destaca Ricoeur (idem, p. 105), decidi tomar o mesmo rumo do autor, após apresentar brevemente e conceito de transferência em Freud. O intuito é percorrer uma elucidação sobre transferência e memória em sentido filosófico, traçando caminhos que poderiam se aproximar do campo psicanalítico. Para entender o suscitado, retomo também outra obra ricoeuriana intitulada *O Conflito das Interpretações* (1969). Nela, o filósofo apresenta reflexões sobre seu percurso de uma hermenêutica tradicional para uma hermenêutica crítica, seguindo de uma ontologia da compreensão para uma epistemologia da interpretação. Para isso, contudo, Ricoeur percorre extensos estudos sobre semântica, estruturalismo, psicanálise, símbolo e religião. A dimensão crítica de sua filosofia hermenêutica é justamente desenvolvida a partir da aproximação com o estruturalismo e a psicanálise, dentre as quais prosseguirei pela segunda via.

1. A TRANSFERÊNCIA EM FREUD

Acredito ser de grande valia mostrar como a formulação do conceito se dá ao longo dos estudos freudianos. O termo “transferência” aparece pela primeira vez ainda nos estudos pré-psicanalíticos, referindo-se a transferência de sensibilidade de uma parte do corpo à outra correspondente. Portanto, ele não é originariamente relacionado ao tratamento psicanalítico em si, mas à ideia dinâmica de mobilidade e à questão da sugestão. Como se pode observar no trecho em que Freud afirma que “é possível transferir uma anestesia, uma paralisia, uma contratura, um tremor etc. para a área simétrica da outra metade do corpo (*transfert*), enquanto a área originalmente afetada se normaliza” (FREUD, 1888, p. 85). A ideia de motilidade é preservada na formulação do conceito, como pode ser visto nos *Estudos sobre a Histeria* (1893/1895), onde a palavra aparece correspondendo a uma identificação, uma “falsa ligação” do analisante com o analista.

Já em *A Interpretação dos sonhos* (1900), o termo surge pela primeira vez referindo-se à transferência do desejo inconsciente à consciência, conforme mostra o seguinte trecho, onde o psicanalista observa que

O desejo inconsciente se liga aos restos diurnos e efetua uma transferência para eles: isso pode acontecer no decurso do dia ou só depois de se estabelecer o estado de sono. Desperta então um desejo transferido para o material recente, ou um desejo recente, depois de suprimido, ganha vida nova ao receber um reforço do inconsciente. Este desejo procura ganhar acesso à consciência pela via normal tomada pelos processos de pensamento, através do Pcs (FREUD, 1900, p. 598).

É importante citar essa obra destacando que Freud aborda os estudos sobre a interpretação dos sonhos em momento anterior a interpretação que traz sobre os sintomas neuróticos. Tal fato por si só seria suficiente para destacar o valor que a questão da interpretação assume ao longo de seus estudos, bem como da formulação geral de sua teoria, que mudou os rumos do pensamento científico.

Na clínica com psicanálise, então, a relação de transferência é estabelecida entre analista e analisando. Compreendendo que o sujeito apreende certas condições para o amor, através das primeiras relações experienciadas, Freud observa que as futuras relações estabelecidas, de modo geral, reeditam aquelas primeiras condições apreendidas durante a infância. Entretanto, somente parte delas, as dirigidas à realidade, tornam-se acessíveis à consciência. A outra parte, desconhecida, permanece inconsciente ou se estende através da fantasia. O laço transferencial com o analista, por sua vez, fará parte de um desses clichês apreendidos pelo analisando, e a *imago* que ele incluirá do analista poderá assemelhar-se a do pai, da mãe ou de um irmão, por exemplo. Ao colocar o analista em uma dessas posições, sobre as quais estabeleceu suas condições para o amor, portanto, o analisando reavivará *imagos*

infantis, pela via da regressão, e acabará exigindo também ser colocado em posição semelhante na cena analítica.

Por meio da interpretação dos sintomas, caberá ao analista manejar essa transferência, fazer com que o analisando realize determinados trabalhos psíquicos visando melhorias consideravelmente longas em seu estado atual. O analista então conduzirá o sujeito a questionar-se, (re)conhecer-se mais profundamente, submeter-se à própria história de vida, a fim de tornar atuais e manifestos impulsos amorosos ocultos ou esquecidos. Em *Recordar, repetir e elaborar* (1914), Freud observa que não é que o sujeito vá lembrar-se exatamente do que foi esquecido, mas sim que ele vai repetir atuando no interior dessa relação transferencial. À transferência, sendo assim, trata-se somente de uma parcela de repetição, e essa repetição é transferência do passado esquecido, não só para o analista mas para todos os âmbitos da situação atual (Freud, 1914, p. 201). Sendo assim, deixo as perguntas a seguir: ao falar de transferência de sentido, em âmbito coletivo, fala-se também de transferência de esquecimento? Quais seriam as consequências disso no caso das políticas de esquecimento?

2. MEMÓRIA E PSICANÁLISE NA HERMENÊUTICA RICOEURIANA

Percorrer outros conceitos se faz importante para chegar ao que Ricoeur apresenta como problemática egológica ou escola do olhar interior nas reflexões sobre memória pessoal e memória coletiva, conforme citado. Ao longo de sua obra, vale ressaltar, Ricoeur se posiciona mais enquanto leitor de Freud, crítico e pensador que introduz categorias psicanalíticas, como a do inconsciente, ao seu modo de pensar filosófico, marcado pela tradição reflexiva francesa. Ressalto que o interesse dele pela psicanálise não contempla a dimensão da experiência clínica como analista, nem como analisando, talvez por isso, arrisco dizer, Ricoeur pouco tenha se debruçado especificamente sobre o fenômeno transferencial. Nesse sentido, também, quero poder prestar contribuições, já que as reflexões aqui apresentadas, pode-se dizer, partem de associações que consideram as singularidades da experiência com a escuta analítica, e motivam o interesse por essa ampliação de perspectivas a fim de pensar a questão da memória em contexto público.

A hermenêutica ricoeuriana em *O Conflito das Interpretações* (1969/1978) é atravessada pelas figuras do simbolismo, que se manifestam através da linguagem, têm sentido polissêmico e funções historicamente mediadoras. Para o filósofo, é a historicidade que marca a maneira como o ser está com os demais existentes, assumindo que a compreensão do ser sempre atravessa o desvio pela compreensão que é de outro e envolve a interpretação de símbolos e signos culturais. A interpretação, sendo assim, é considerada etapa essencial na restauração do sentido pelo ser. Ricoeur considera que a reflexão imediata apontaria apenas para uma universalidade redutora do ser, não-desmistificadora, que para tornar-se concreta deveria fazer-

se hermenêutica. A questão interpretativa, simbólica, polissêmica etc., também pode ser confirmada a partir da escuta analítica, afinal é através da linguagem e de todas essas outras manifestações que se pode ter acesso, inclusive, ao inconsciente em uma análise.

Voltando à problemática egológica em *A memória, a história e o esquecimento*, Ricoeur aponta o caráter essencialmente privado da memória, ao dizer que

Primeiro, a memória parece de fato ser radicalmente singular: minhas lembranças não são as suas. Não se pode transferir as lembranças de um para a memória do outro. Enquanto minha, a memória é um modelo de minhadade, de posseção privada, para todas as experiências vivenciadas pelo sujeito. Em seguida, o vínculo original da consciência com o passado parece residir na memória. Foi dito com Aristóteles, diz-se de novo mais enfaticamente com Santo Agostinho, a memória é passado, e esse passado é o das minhas impressões; nesse sentido, esse passado é meu passado. [...]. Finalmente, em terceiro lugar, é à memória que está vinculado o sentido da orientação na passagem do tempo; orientação em mão dupla, do passado para o futuro, de trás para a frente, por assim dizer, segundo a flecha do tempo da mudança, mas também do futuro para o passado, segundo o movimento inverso de trânsito da expectativa à lembrança, através do presente vivo. É sobre esses traços recolhidos pela experiência comum e a linguagem corriqueira que a tradição do olhar interior se construiu (RICOEUR, 2000/2007, p. 107-108).

Sendo assim, Ricoeur diz que a tradição do olhar interior é inicialmente tomada como um impasse à compreensão sobre a memória coletiva. O filósofo então avança pela obra tomando caminhos pela via da intersubjetividade, como importante constituinte do ser em âmbito coletivo.

Nessa mesma obra, Ricoeur afirma que a intervenção do psicanalista pode ajudar o trabalho da memória no sentido da rememoração, da lembrança à palavra (idem, p. 138). Destaco a categoria trabalho enquanto semelhante ao trabalho psíquico, desvelado por Freud. Retomo as possíveis aproximações com a clínica da transferência e a discussão mais ampla feita por Ricoeur sobre memória coletiva. Se, para ele, assim como rememorar, interpretar é um trabalho, e se a psicanálise se apresenta tal como uma interpretação da cultura, seria algo próximo do trabalho do psicanalista interpretar a cultura. Se o trabalho pessoal de rememoração é conduzido na clínica pelo trabalho do analista, através da transferência, que reflexões o mesmo poderá lançar a âmbito coletivo, no que diz respeito à memória? Não pretendo responder diretamente a questão, mas encaminhá-la ao fazer aproximações nesse sentido.

3. POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS SOBRE MEMÓRIA

Em *O Conflito das Interpretações* (1969/1978), Ricoeur aproxima a psicanálise de Freud com a fenomenologia do espírito de Hegel, fazendo depois uma oposição dialética entre a marcha regressiva da análise freudiana e o método progressivo da síntese hegeliana. Em seguida, o filósofo opõe duas hermenêuticas dos símbolos: uma voltada para a consciência (para as figuras posteriores, para a emergência de símbolos novos), e outra voltada para o

inconsciente (para as figuras anteriores, para a ressurgência dos símbolos arcaicos) (idem, p. 115). Através de tal exemplificação, o autor destaca bem o caráter dinâmico do trabalho psíquico, bem como o jogo de forças existentes em sua dimensão energética, para além da produção de sentidos e da interpretação hermenêutica, conforme Ricoeur detalha ao longo de *Da Interpretação: ensaio sobre Freud* (1965/1977).

Voltando ao conceito de transferência, ressalta-se que, ao longo da formulação feita por Freud, o psicanalista preserva e destaca a função dinâmica, ligada à mobilidade do desejo, bem como a especificidade da relação transferencial, atravessada também pela questão da sugestão. Aqui arrisco aproximar tal conceituação à noção de intersubjetividade abordada pelo filósofo em âmbito coletivo, através da qual Ricoeur se encaminha da memória pessoal à memória coletiva. Essa correspondência entre intersubjetividade e transferência, entretanto, é delicada e desde já revela limites sobre os quais apenas me aproximo neste ensaio.

Com relação à função do analista, por exemplo, ao manejar a transferência, cujo intuito é fazer com que o sujeito lide com as próprias demandas de amor, de modo a acessar o desejo - ou o que ele deseja de quem ama. Por isso é recomendado ao analista que apareça o mínimo possível, enquanto sujeito, no interior de uma relação transferencial, para que o sujeito em análise possa emergir como sujeito de desejo. O que se induz é o despertar de uma fala autêntica no analisando, pela associação livre. Esse é um importante fator para a transferência. A partir dessa compreensão, sobre tal postura psicanalítica, a filosofia ricoeuriana poderia aproximar essas discussões como meio de pensar a contemporaneidade, no que se refere a esse e aos outros sujeitos de desejos, que em âmbito pessoal ou coletivo são também culturais.

Outro caminho possível se refere à concepção de construção identitária elaborada por Ricoeur, que permite avançar da compreensão de um sujeito desejante, capaz de imputar-se no próprio desejo, à esfera do desejo de reconhecimento, em âmbito social, melhor elaborado na obra *O percurso do reconhecimento* (2006). No terceiro estudo, denominado *Reconhecimento mútuo*, Ricoeur introduz sua fala com uma interessante citação de Rousseau, que diz que

assim que o homem foi reconhecido por outro homem como um ser senciante, pensante e semelhante a ele, o desejo ou a necessidade de comunicar-lhe os próprios sentimentos e pensamentos fez com que este procurasse os meios de fazer isso (RICOEUR, 2006, p.161).

Esse percurso abre um elo para pensar a psicanálise enquanto um desses meios, que vem trabalhar justamente com o desejo. Ressaltando que, apesar das grandes descobertas e desvelamentos através da fala do analisando (e, portanto, da linguagem), é também pelos resquícios de fala, ou mesmo da ausência dela, que ocorrem grandes saltos no funcionamento psíquico - assim como na própria descoberta do inconsciente dentro da teoria freudiana. Esse empreendimento torna-se fundamental para que o sujeito possa sair das repetições neuróticas rumo a novas produções subjetivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atravesso a filosofia para pensar além do trabalho de escuta individual com a psicanálise, destacando algumas elaborações ricoeurianas, para tomá-la enquanto fenômeno cultural, mais detalhadamente no que se refere à função da transferência. Minha aposta é que o fenômeno pode ser observado dentro e fora de uma análise, salvaguardando peculiaridades que precisam ser melhor elucidadas, já que, ao se falar de transferência, também se fala de amor, de repetição, de rememoração, de reatualização, de identificação, de afetos, entre outras coisas importantes de serem levadas às discussões sobre memória que dizem respeito ao espaço público. Ao aprofundar os estudos sobre o conceito e tentar ampliá-lo a uma perspectiva cultural, se pretende prestar contribuições para os estudos filosóficos sobre a valorização da memória na esfera das relações sociais.

Com a pesquisa que está em andamento, tenho como intuito levar o conhecimento para fora das discussões entre psicólogos e psicanalistas (apesar de querer continuar dentro), sobre as descobertas a respeito do inconsciente que vão além da problemática egológica e são decorrentes do período em que ocorre a chamada “queda da consciência”. Quero também defender a liberdade de expressão, dos sujeitos. Que as pessoas tenham acesso a como os fenômenos de massa se utilizam do ódio, ao se servirem do amor de transferência. Que a psicanálise possa acende como orientadora da ética, tão debatida atualmente, e também do desejo. Dos nossos desejos enquanto seres humanos. Do que queremos daquilo e daqueles que amamos. E muito mais, que vem se revelando só depois.

Se a psicanálise é desenvolvida há mais de século com rigor e seriedade por muitos, se é sabido por diversos estudiosos, de diferentes áreas, do potencial e do acolhimento que a teoria possibilita aos sujeitos da contemporaneidade, entre outras coisas, é preciso que se reconheça e se defenda as questões sobre a transferência de forma ampla. Ao ressaltar que além da questão da produção (ou não) de sentido, e da interpretação - dos sonhos ou própria da teoria hermenêutica - há sempre “algo mais” em jogo. Ao se tratar de espaço público, principalmente, pois desconfio que esse “a mais” (ou “a menos”, em muitos casos) quase sempre é também político. Ricoeur reconhece Freud como um dos grandes mestres da “suspeita”, e é com essa postura que pretendo avançar, passando por aqui.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. **A dinâmica da transferência** (1912) In: Obras Completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. X.

_____. **A Interpretação dos Sonhos** (1900). In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. **Estudos sobre a Histeria** (1893-1895). In: Obras Psicológicas Completas de

OS ESTUDOS FREUDIANOS SOBRE A TRANSFERÊNCIA PODEM CONTRIBUIR
PARA UMA REFLEXÃO POLÍTICA ACERCA DA MEMÓRIA A PARTIR DA
FILOSOFIA RICOEURIANA?

Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Observações sobre o amor de transferência** (1915) In: Obras Completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. X.

_____. **Publicações pré-psicanalíticas** (1886-1889). In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Recordar, repetir e elaborar** (1914) In: Obras Completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. X.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

_____. **Da Interpretação: Ensaio sobre Freud** (1965). Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1977.

_____. **O Conflito das Interpretações: ensaios de hermenêutica** (1969). Portugal: RÊS-Editora, 1978.

_____. **Percorso do Reconhecimento**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.